

Economias domésticas. Trabalhar em casa em tempos de precariedade. Novas profissões e espaços de vida*

Domestic economies. Working from home in the age of precariousness. New occupations and new living spaces

Economías domésticas. Trabajar desde casa en tiempos de precariedad. Nuevas profesiones y espacios de vida

Sandra Burchi**

Universidade de Pisa – It.

RESUMO

Devido à instabilidade progressiva dos contratos de trabalho e à fragmentação geral do ambiente de trabalho, os limites entre público e privado, produção e reprodução, valorização e depreciação são cada vez mais frágeis. Para muitas mulheres, a multiplicação de empregos não padronizados ofereceu a oportunidade de participar no mercado de trabalho, introduzindo, porém, características típicas do trabalho "doméstico" nos aspectos organizacionais de seu trabalho "profissional": a ausência de um cronograma rigoroso; a dificuldade de obter reconhecimento e pagamento por tarefas. O crescimento de empregos não padronizados produziu um retorno do trabalho dentro das fronteiras domésticas, redefinindo o espaço da casa. Com base em uma pesquisa recente que explora as semelhanças singulares entre as demandas progressivamente diversificadas de "desempenho do trabalho" e as características desse "trabalho vivo" (melhor exemplificado pelo trabalho doméstico), o artigo se concentrará em como as trabalhadoras (trabalhadoras autônomas, consultoras, *freelancers*) mudaram o emprego para o espaço doméstico.

Palavras-chave: Trabalho. Flexibilidade. Precariedade. espaço doméstico. mulheres.

ABSTRACT

Due to the progressive instability of labor contracts and the general fragmentation of the working environment, the boundaries between public and private, production and reproduction, valuation and depreciation are increasingly fragile. For many women, the multiplication of non-standard jobs offered the opportunity to participate in the labor market, introducing, however, typical characteristics of "domestic" work in the organizational aspects of their "professional" work: lack of a rigorous schedule; the difficulty of obtaining recognition and payment for tasks. The growth of non-standard jobs has produced a return of work within domestic boundaries, redefining the space of the home. Based on a recent survey exploring the unique similarities between the progressively diversified demands of "job performance" and the characteristics of "living labor" (best exemplified by housework), the article will focus on how women workers (self-consultants, freelancers) have shifted employment to the domestic space.

Keywords: Work. Flexibility. Precariousness. Domestic space. Women.

RESUMEN

Debido a la inestabilidad progresiva de los contratos de trabajo y a la fragmentación general del entorno laboral, los límites entre público y privado, producción y reproducción, valorización y depreciación son cada vez más frágiles. Para muchas mujeres, la multiplicación de empleos no estandarizados ofreció la oportunidad de participar en el mercado de trabajo, pero introduciendo características típicas del trabajo "doméstico" en los aspectos organizacionales de su trabajo "profesional": la ausencia de un cronograma riguroso; la dificultad de obtener reconocimiento y pago por tareas. El crecimiento de empleos no estandarizados produjo un retorno del trabajo dentro de las fronteras domésticas, redefiniendo el espacio de la casa. Con base en una investigación reciente que explora las similitudes singulares entre las demandas progresivamente diversificadas de "desempeño del trabajo" y las características de ese "trabajo vivo" (mejor ejemplificado por el trabajo doméstico), el artículo se concentrará en cómo las trabajadoras (trabajadoras autónomas, consultoras, *freelancers*) cambiaron el empleo para el espacio doméstico.

Palabras-clave: Trabajo. Flexibilidad. Precariedad. Espacio doméstico. Mujeres.

Introdução

O tema sobre trabalhar em casa ou a partir de casa parece-me um tema importante ao se pensar a reconfiguração do trabalho autônomo e as novas profissões nesta era de precariedade. Na história do trabalho feminino, a imbricação entre espaço doméstico e trabalho voltado para o mercado (acompanhado, obviamente, do trabalho para a família) é bem conhecida. Hoje – por meio da precariedade e do desenvolvimento tecnológico – atinge, também, um determinado segmento de trabalhadoras, aquelas com níveis elevados de escolaridade e que compõem o universo generalizado da chamada economia do conhecimento. Narrar histórias sobre o trabalho em casa me pareceu útil por várias razões:

- Relata a extrema fragmentação do mercado de trabalho;
- Evidencia uma estratégia de “resistência” à crescente precariedade;
- Questiona, com os instrumentos da sociologia de gênero e a teoria feminista, uma condição de trabalho que possui um conjunto de elementos contemporâneos e temas antigos na experiência das mulheres.

Neste artigo, depois de uma breve apresentação do tema da precariedade na Itália, me deterei sobre o ponto de vista das autoras que, através da ótica de gênero, contestam a narrativa corrente que compreende a precariedade do trabalho unicamente como um efeito da crise da sociedade salarial e do fordismo. A parte central do artigo servirá para introduzir uma reflexão sobre novas formas de trabalho em ou a partir de casa. Com esta pesquisa, tentarei demonstrar como essas experiências que envolvem, hoje, uma pluralidade de profissões qualificadas se situa em uma posição escorregadia entre as respostas dos indivíduos aos problemas provocados pelas transformações do trabalho e a imposição de um modelo organizacional, o neocapitalista, que engloba cada vez mais a vida de homens e mulheres.

A precariedade na Itália. Uma genealogia diferente para homens e mulheres

Na Itália, nos últimos anos, tratou-se muito de trabalho. Um debate que seguiu, em diversos níveis, o longo período de reformas na legislação trabalhista (GJERGJI 2017) e que assistiu à rápida transformação da flexibilidade dos contratos de trabalho em vidas precárias (MURGIA, 2010). Mas não foi somente uma “parábola da legislação trabalhista” (PONTERIO; SANLORENZO, 2014) o que ocorreu na sociedade italiana nos últimos trinta anos, foi uma mudança no âmbito produtivo descrito como “pós-fordismo” ou “fim da sociedade salarial” (CASTEL, 1995; GORZ, 1994) e um conjunto de fenômenos aos quais os legisladores responderam através do dispositivo da flexibilidade. Como descreve Boetti (2014) a fórmula aplicada, de matriz anglo-americana (maior flexibilidade = crescimento do emprego), apresentou muita ambiguidade e uma eficácia ainda a ser demonstrada. Os sindicatos tradicionais responderam ao dispositivo da flexibilidade (posteriormente precariedade) com uma política defensiva que não colheu a oportunidade de relançar uma nova era dos direitos “pós-emprego” (CICCARELLI, 2011). Os movimentos sociais, demonstrando uma grande vitalidade e capacidade de leitura e renomeação dos fenômenos (BRUNI; SIMI, 2009), souberam criar novas agremiações e associações mesmo diante da dificuldade em se produzir formas de resistências concretas diante da deterioração das lógicas da exploração que se apresentavam (ALLEGRI, 2009).

Considerando os estudos dos últimos trinta anos sobre a precariedade (BOETTI, 2014) é fácil notar que o debate se fez sempre mais crítico diante das condições que estavam sendo dadas e, se ao final dos anos de 1990, a proposta de uma vida de trabalho mais flexível, menos fixa e tutelada, abriu uma perspectiva em relação a aspectos inovadores de uma possível reorganização da existência (SENNET, 1999, GENOVESE, 2001), no decorrer de poucos anos, não se hesitou em falar de uma precariedade sempre mais profunda, de uma extensa piora, para muitos, das condições de vida material e, ainda, uma crescente exploração do trabalho (FANA, 2017).

Diante dessa transformação não seria equivocado sustentar que os modos de trabalhar mudaram, assumindo novos significados para os indivíduos, encorajando-os em direção a uma disponibilidade sem limites de si, muitas vezes, sem uma correspondência em termos de renda ou segurança (BYUNG-CHUL, 2012; CHICCI; SIMONE, 2017). As estruturas da vida cotidiana também mudaram a organização dos tempos e dos espaços da vida, por exemplo, agora se misturam com formas de trabalho menos definidas e com maior intensidade (BAZZILUPO, 2006).

Se esse cenário pode parecer "novo" para muitos comentadores que o observam a partir do que, na Europa, são considerados os "trinta anos gloriosos" do fordismo, as estudiosas que adotam uma perspectiva de gênero não deixam escapar que a experiência do viver e do trabalhar feminino sempre foram caracterizados por esse tipo de incerteza e precariedade (BOETTI, 2014; MURGIA; POGGIO, 2012). Sabemos, sobretudo graças ao trabalho das historiadoras, que a precariedade é um fenômeno de longa data e que diz respeito à presença das mulheres no mercado de trabalho, pelo menos, desde o início da modernidade (BELLAVITIS, 2016) e seguramente também no fordismo¹ (BOETTI, 2014).

Por isso a história do trabalho das mulheres se apresenta como um observatório privilegiado para compreender a instabilidade e a precariedade do trabalho e, ainda assim, este potencial de temas e de elementos é muitas vezes esquecido, mantido à sombra das grandes narrativas ou, pelo contrário, transformado em metáfora como ocorreu diante do enorme debate que se desenvolveu na Europa sobre a "feminização do trabalho". Com essa expressão, comentando o alargamento da participação das mulheres no mercado de trabalho, pretendeu-se identificar algumas habilidades e competências progressivamente requeridas pelas organizações como sendo "femininas", fixando a construção de gênero do trabalho e das atividades muito mais rigidamente do que se consegue observar (GHERARDI; MURGIA; POGGIO, 2011) ou do que a reconstrução historiográfica consente fazer (BELLAVITIS, 2016).

Mais do que isso, a interpretação segundo a qual a feminização do trabalho, em última instância, se realiza, sobretudo como "masculinização da precariedade" (MORINI, 2010), corre o risco de colocar à sombra uma genealogia de atitudes e adaptações praticadas pelas mulheres para permanecerem no mundo do trabalho e resistirem ao desencorajamento que de tempos em tempos é imposto a elas. Fazer emergir, tornar visível ou deixar de lado uma interpretação univocamente negativa, significa buscar modos e meios de trabalho que pode ser entendido como menor, mas certamente não irrelevante, e, segundo algumas autoras, "potencialmente

¹Adotando uma perspectiva de gênero emerge, todavia, como a precariedade represente uma característica tendencialmente contínua da ocupação presente nos países ocidentais também em períodos de forte crescimento como os trinta anos gloriosos do século XX. Nesta fase do capitalismo, são os sujeitos marginalizados do mercado de trabalho, como as mulheres, que são empregados através de formas de trabalho precário. (BOETTI, 2014, p. 109).

subversivo”² (GALERAND; KERGOAT, 2008). Adotando-se a perspectiva feminista de questionar a categoria trabalho mostrando, por um lado, os seus aspectos paradoxais (GALERAND; KERGOAT, 2008) e, por outro, estendendo o seu significado a outras operações necessárias para viver (WEEKS, 2007), o volume da precariedade vivida pelas mulheres pode fornecer elementos, temas e questões com os quais analisar o presente. Neste sentido, também a análise das formas do trabalho em casa ou a partir de casa, exercido pelas trabalhadoras/profissionais, pode fornecer algumas chaves de leitura sobre o presente.

Trabalhar em casa. Uma pesquisa

Hoje muitas mulheres voltam a trabalhar em ou a partir de casa. Flexíveis, precárias, autônomas muitas mulheres, com alta escolaridade e com especializações tradicionais ou novas, encontram-se na posição de consultoras, colaboradoras, *freelance*, pessoas jurídicas, desenvolvendo um ir e vir entre organizações de trabalho formais e lugares “privados” (e domésticos) de produção.

Este “estranho retorno a casa” representou, aos meus olhos, um efeito importante da (des)standardização geral do mundo do trabalho ao qual decidi me dedicar por meio de uma série de pesquisas e reflexões. Quem trabalha em casa, hoje, é uma pessoa autônoma, sem um contrato de trabalho, sem uma sede central de referência. É alguém que pode trabalhar à distância, remotamente. Os modos são inúmeros, mas frequentemente é a casa que se torna o laboratório/escritório no qual se desenvolve uma parte de sua atividade. São os assim chamados “trabalhadores do conhecimento” ou trabalhadores autônomos de segunda geração, ou terceira geração como os definiu Fumagalli em um ensaio que percorre as características e as condições de trabalho dessas pessoas (FUMAGALLI, 2015). Com base na definição ISTAT (Istituto Nazionale di Statistica³) os profissionais liberais na Itália, em 2016, eram 1.393.240, 6,1% da ocupação total e 25,6% dos trabalhadores autônomos. A partir da definição ACTA (Associação dos *freelance* e profissionais autônomos), os profissionais independentes ou autônomos, sempre para o ano de 2016 e usando a fonte ISTAT, representam um terço a mais: 2.065.220, 9,1% do total de empregados e 38% dos trabalhadores autônomos. No entanto, este valor é subestimado porque não leva em conta aqueles que realizam uma atividade profissional autônoma paralela ou secundária e aqueles que, apesar de estarem no mercado, trabalham com vários clientes e são contratados como prestadores de serviço de tempos em tempos. Estes acabam sendo enquadrados como possuindo relações de trabalho contratuais e/ou são intermediados por cooperativas. As mulheres representam quase um terço dos trabalhadores autônomos e esse número aumentou significativamente depois da crise (FUMAGALLI, 2015).

Em relação a este movimento de tornar-se autônomo, em um ensaio já clássico, Sergio Bologna e Andrea Fumagalli apontaram para esse processo como sendo um processo de “*domestication of job*” (BOLOGNA, 1997). Na aceção dos autores, retomada recentemente por outros como Morini (2010), a *domestication* corresponde a assumir a responsabilidade do trabalho como um problema inteiramente privado. Bologna, partindo da diferença em relação ao “estatuto” do

² Assim, assumimos a suposição de que a inseparabilidade das duas esferas de atividade (produtiva / reprodutiva) que é imposta às mulheres é constitutiva de uma relação potencialmente subversiva com a sociedade salarial. (GALERAND; KERGOAT, 2018, p.68).

³ Instituto Nacional de Estatística, com características similares ao IBGE.

trabalho assalariado, descreve a perda da percepção diária do espaço como referida a dois ambientes distintos, dois sistemas de regras e culturas separadas:

A primeira característica do trabalho independente [autônomo] é a "*domestication*" do local de trabalho, é a absorção do trabalho no sistema das regras da vida privada, ainda que as duas áreas, vida e trabalho, sejam mantidas separadas. Não é necessário que o trabalho seja trabalho em casa ou trabalho feito com colaboradores familiares para que haja *domestication*, basta que o local de trabalho seja concebido como um lugar onde as regras são estabelecidas pelo próprio trabalhador, de modo que a cultura e os hábitos da vida privada se transfiram para o local de trabalho (BOLOGNA, 1997, p.30)

A *domestication*, na acepção de Bologna, é, em primeiro lugar, a falta de áreas separadas no espaço mental e simbólico e no espaço físico daqueles que trabalham, e a introdução, na existência dos novos trabalhadores, de "um único ciclo sócio-afetivo": aquele da vida privada.

As observações de Bologna sobre a *domestication of job* podem servir como ponto de referência, elas nos dizem que a experiência de trabalhar em casa ou *como em casa* faz parte de um cenário de mudança na organização geral do mundo do trabalho, mas se abrirmos uma perspectiva de gênero, no interior dessas análises, caminhamos em direção a outras considerações.

Historicamente, para as mulheres, a casa sempre representou um limiar entre a vida pública e privada em diferentes épocas da história moderna (SARTI, 2008). Hoje, com a propagação do trabalho autônomo entre as profissões que exigem um alto nível de instrução, a experiência de trabalhar em casa é uma estratégia, muitas vezes temporária, para resistir ao desânimo e a exclusão que provêm do mundo do trabalho. Paradoxalmente é um modo de *não voltar para casa*, para não se fechar em uma dimensão apenas privada, de cuidado, de domesticidade. Isso parece fazer a diferença e tornar a questão absolutamente contemporânea. É uma adaptação criativa, uma maneira de relançar-se. E isso não é novo, remete a prontidão e a obstinação com que as mulheres praticaram estratégias de adaptação e reinvenção. Mesmo no trabalho domiciliar tradicional, manufatureiro, que na Itália, como no resto do mundo, teve uma presença significativa pode-se encontrar esses elementos, como observado por estudiosos que nos últimos anos se encarregaram de reescrever a história destacando não apenas os aspectos difíceis e opressivos desta condição (BADINO, 2008), mas também os aspectos transformadores e emancipatórios sobre a vida das trabalhadoras (TOFFANIN, 2016).

Ouvindo gerações de mulheres precárias, mas empreendedoras

As profissões desenvolvidas em casa - hoje - são de vários tipos: consultoras, *designers* gráficas, editoras, tradutoras, ilustradoras, mas também artesãs, cultivadoras domésticas, jornalistas ou advogadas.

As mulheres que encontrei possuem diferentes biografias bem como diferentes trabalhos e atuam em setores profissionais distintos. São mulheres de mais de uma geração. Na verdade, já no início da década de 1990, era possível verificar, na Itália, os efeitos do processo de inclusão no mercado de trabalho, precisamente das jovens mais instruídas, cujos níveis de desemprego eram inesperados. Esta situação, certamente não desejada, deu origem a formas não *standart* de participação no mundo do trabalho. Embora alguns anos atrás, as mulheres desta geração (nascidas no final dos anos sessenta e início dos anos setenta) tenham antecipado os tempos,

tornando-se trabalhadoras autônomas, na segunda metade dos anos de 1990, anos nos quais com a Lei 196/97⁴ se efetuou a reforma mais decisiva em termos de flexibilidade dos contratos de trabalho, deu-se início também as primeiras regulamentações para as formas de trabalho atípico, muito antes que algumas leis, como a Lei 30 de 2003 e a *Job Act* de 2014 reorganizassem completamente o sistema de trabalho (GJERGJI, 2017). Ser uma trabalhadora autônoma foi a resposta imediata a um sistema que recompensou algumas habilidades quando apresentadas "em pacotes" e/ou como estratégias para inserir-se em organizações fechadas, mas que abriram pequenas brechas para um trabalho autônomo. Foi assim que muitas mulheres se encontraram desenvolvendo um trabalho-profissão, tornando-se capazes de aproveitar as oportunidades e declarando-se dispostas a assumirem todos os riscos.

As mulheres mais jovens (25 a 35 anos) que conheci durante minhas pesquisas entraram no mundo do trabalho quando a transição entre flexibilidade e precariedade já havia ocorrido e os riscos de uma posição de trabalhadora autônoma eram evidentes, mas continuou a ser o modo de defender uma qualificação, um diploma e continuar a procurar uma posição que garanta certa renda e qualidade de vida.

A casa sempre representou e continua representando para muitas delas um lugar no qual trabalhar, no qual preparar o trabalho que irá para fora, dirigido a clientes que antes eram empregadores e, às vezes – como no caso de quem produz filmes –, financiadores. Na interlocução com as entrevistadas tentei encorajar uma narrativa estratificada, na qual a descrição do espaço físico dedicado ao trabalho estivesse junto com a história desse espaço (projetado desde sempre, lentamente conquistado, imposto por necessidade), com reflexões e pensamentos sobre os confortos e inconvenientes que o trabalho desenvolvido nesse espaço envolve: uma espécie de "fenomenologia do trabalho em casa". Os encontros ocorreram na casa das entrevistadas, algumas vezes via *Skype*, mas sempre mais de um encontro.

Todos os materiais coletados durante as entrevistas foram compartilhados e rediscutidos, tornados anônimos - com os ajustes necessários - e transformados em histórias em primeira pessoa. Todas falaram sobre si, seu trabalho, seu contexto de vida, seu mundo. Passar a entrevista para uma narrativa em primeira pessoa foi acompanhado por um processo de elaboração que permitiu manter aberto um diálogo e ampliou a consciência da experiência narrada. Deste ponto de vista, as narrativas se configuram como um instrumento adequado para integrar o quadro paradigmático dos estudos tradicionais sobre o trabalho. Através das narrativas é possível, não tanto explicar abstratamente as transformações que perpassam o trabalho, mas como essas transformações são contadas, interpretadas e elaboradas pelos sujeitos envolvidos.

O tipo de trabalho que encontrei, sendo desenvolvido entre quatro paredes, é um exemplo perfeito da dificuldade de manter um equilíbrio de autonomia e submissão ao dispositivo neoliberal de um gasto infinito de si em trajetórias de empregos muito misturadas com a existência (BAZZICALUPO, 2006). As situações de trabalho doméstico, em casa, para essas profissões autônomas de segunda ou terceira geração, cada vez mais individualizadas, construídas não apenas em competências e conhecimentos, mas também em características muito pessoais, a partir do caráter e história individual, podem revelar-se extremamente frágeis. Mas aqui também há uma perspectiva mais estratégica e de negociação sobre o mundo do trabalho, um desejo de experimentar caminhos possíveis para todos. O que pode ser observado

⁴ O pacote Treu (lei 196 de 1997), que tem agora vinte anos, constituiu um momento decisivo para a flexibilidade contratual: a disposição legislativa introduziu a possibilidade de usar amplamente a relação de trabalho temporário.

é um contínuo entre o lar e o exterior, um caminho realizado na plena consciência sobre as dificuldades, os riscos, uma estratégia para manter junto às necessidades e as oportunidades em um contexto no qual as vias de acesso ao mercado de trabalho tornaram-se difíceis para mulheres e homens.

Subverter o espaço - casa

As casas que acolhem o trabalho dos *knowledge worker* contemporâneos perderam sua referência de um mundo fechado e opressivo, estão conectadas e acessíveis pelo potencial das novas tecnologias. O imaginário que concebe a casa como o limiar entre o espaço privado e o espaço público parece indiferente às mudanças (sociais, mas acima de tudo tecnológicas) que ocorreram nas últimas décadas, e continuamos a pensá-la como um lugar separado, protegido, fechado, no qual agem lógicas completamente diferentes daquelas impostas pela racionalidade da esfera pública.

Esta imagem permanece no nosso imaginário, embora já tenha sido apontado por vários estudos que, na vida da casa, os limites entre esfera privada e esfera pública tenham sido mais matizados e irregulares, mais permeáveis do que apontado por modelos interpretativos "muito rigidamente baseados na dominação masculina e na subordinação feminina" (SARTI, 1995). Não é difícil entender o quanto a organização da vida social condicione os ritmos e a organização do espaço doméstico e - embora seja apagado e desvalorizado da memória coletiva - devesse saber que o trabalho doméstico, muitas vezes, é entrelaçado com o trabalho extra-doméstico, às vezes, diretamente (na vida camponesa, no trabalho doméstico), mas frequentemente, indiretamente, como na produção de uma a série de atividades que permitiram conjugar a vida familiar e a vida social.

As reflexões feministas sobre esses temas foram muito vastas e articuladas e a naturalização da domesticidade e da divisão sexual do trabalho foi refutada pelo menos desde os anos 1970 (BARAZZETTI, 2007; KERGOAT, 2008). Mas não foi apenas o movimento feminista a individualizar os processos que tornam sempre mais matizada a definição e os limites do "público". Impossível não mencionar o peso dos instrumentos de comunicação e das novas tecnologias neste processo. O espaço da casa, de fato, estruturou-se como um espaço progressivamente mediado, englobado nas paisagens tecnológicas contemporâneas de maneira sempre mais penetrante. Falando de "novas domesticidades" (PELLEGRINO, 2011), estudos colocaram em evidência como velhas, novas e novíssimas tecnologias impulsionam o espaço doméstico e a experiência da casa em direção a novas atribuições de significado nas experiências daqueles que a habitam. E ainda assim, ao narrar o seu tipo de "fenomenologia do trabalho em casa", muitas entrevistadas contaram episódios de "nomadismo doméstico", traduzindo em palavras uma espécie de ansiedade que as levam a experimentar várias e sempre precárias soluções para superar um sentimento muito forte de solidão e estranhamento.

A nova casa é um apartamento no segundo andar. Desde o início foi muito difícil encontrar um espaço de trabalho neste novo apartamento, porque o espaço era insuficiente e todos os espaços eram integrados. Portanto, comecei a perambular: primeiro inventei um espaço de trabalho logo na entrada, era uma entrada grande e quadrada, depois desloquei a escrivaninha para o quarto do meu filho, mas imagine uma conferência Skype ou um telefonema no quarto do meu filho? Não é algo muito profissional. Então, arrumei um espaço na sala que, porém, é uma sala/cozinha e, deste modo, não é la grande coisa, trata-se de dividir o espaço com quem assiste a TV e

ao lado do forno, não é a melhor solução. Em certo ponto eu tinha levado um belo computador de vinte polegadas para um pequeno escritório no meu quarto, portanto era como trabalhar em um boudoir, ainda era uma situação constrangedora fazer conferências com a cama de casal atrás de mim, porém divertido. Depois, uma vez que meu marido é de uma cumplicidade absoluta, a certo ponto tiramos a cama do quarto! Substituímos a cama por um sofá-cama pequeno, que colocamos no centro do quarto, logo atrás do computador. Deste modo conseguimos liberar um pouco de espaço, colocamos um tapete grande e uma estante com livros de três metros na qual, praticamente, coloquei todo o meu escritório (livros, arquivos e papéis), e o conjunto da obra criava um ambiente de escritório. Resistimos por certo tempo, mas acabamos cedendo: entendemos que no nosso quarto ou se dorme ou se trabalha e certamente as camas nos indicam que ali é um espaço para se dormir! Assim toda a minha organização mudou mais uma vez.

Este nomadismo do espaço de trabalho nos diz algo sobre o conflito que se desenrola silenciosamente entre as duas finalidades a serem atribuídas ao espaço: casa (lugar de reprodução do cotidiano, do tempo cíclico, da recomposição de si, dos afetos) e o escritório (lugar de trabalho, de produção, de tempo linear, de relações formais).

É a inquietação que se encontra recorrentemente com quem trabalha em casa. O nomadismo corresponde a exigências múltiplas e assim, muitas vezes, o que se vê é que o lugar do trabalho se desloca de um lugar a outro em um único dia. Em alguns casos não existe um lugar adaptado para o trabalho, é apenas um computador que funciona como seu ambiente de trabalho: um *laptop*, apoiado sobre a superfície disponível no momento, podendo ser uma escrivaninha, uma mesa de cozinha e no cômodo que se encontra livre naquele período específico. Não é, jamais, uma organização definitiva, funciona sempre provisoriamente.

Este trabalho de organização espacial cotidiana tende a assumir a função de um ritual de preparação, quase como uma entrada e saída por uma porta que não existe. Justamente por isso gostaria de sustentar que essa inquietação é também uma consciência que a casa/escritório, mesmo sendo um lugar que requer uma compreensão da parte de todos que moram ali, são espaços inquietos, jamais conquistados ou colonizados definitivamente. A capacidade de ler a própria condição e sentir o complicado jogo entre realidade e promessa, entre identificação e alienação, foi muito bem descrito por uma das mulheres entrevistadas:

Na minha cabeça existe uma escrivaninha elegante e clara, duas ou três coisas artisticamente dispostas sobre as quais estou trabalhando, indicando empenho intelectual e controle, uma xícara de porcelana chinesa na qual tomo um café, dois ou três bibelôs, plantas ou flores. Mas na realidade o que há é uma grande desordem, oito ou nove coisas nas quais estou procurando trabalhar, uma natureza morta de latinhas e xícaras vazias, cinzas de cigarro, livros que comprei e ainda não consegui ler, apontamentos que escrevi dos quais não me lembro. Uso muito a internet. Deveria usar menos.

Esta dupla descrição, que é capaz de dizer de si, de estar presa entre um espaço ideal e um espaço real, entre um lugar imaginado como potencialmente em ordem, representativo do sucesso e da auto-realização, e outro, no qual o próprio corpo é colocado no trabalho, onde as coisas a se fazer se acumulam junto "à natureza morta de latas e xícaras vazias", mostra a distância, subjetivamente possível, das formas de trabalho praticadas e sua sobredeterminação ideológica. A vontade de trabalhar não cede à ênfase de uma restituição otimista ou simplificada: todo o peso de uma organização solitária, neste caso, é contado e descrito em

detalhes e serve como pré-requisito para que os ajustes sejam feitos em uma perspectiva não exclusivamente individual.

As relações

A questão do espaço não é um grande problema, claro que, às vezes, as crianças brincam atrás de mim, mas acabei me habituando, já disse a eles tantas vezes: fiquem aqui, mas façam de conta que eu não existo. Quando me dão um beijinho tudo bem, mas se começam a me chamar a todo minuto, não consigo fazer nada. Assim essa mistura toda está bem. O fato de existir essa mistura não me incomoda, aprendi a ficar concentrada, consigo trabalhar com eles aqui, mesmo se, obviamente quando sei que tenho que fazer coisas que requerem silêncio, procuro fazer pela manhã, quando sei que estarei sozinha, coisas como certos telefonemas, certos contatos...

O que eu não encontrei, nas narrativas e nas entrevistas, foi o que eu mais esperava encontrar. Imaginava encontrar discussões, brigas, desentendimentos e, pelo contrário, não encontrei nada disso. Somente tentando entender um pouco mais profundamente é que constatei que a questão é tão explosiva que necessita ser mantida rigidamente sob controle: quem trabalha em casa defende a si mesma e seu trabalho de tudo aquilo que poderia ser desencadeado por uma má gestão do espaço, como prolongar excessivamente o trabalho no espaço de todos ou procrastinar o tempo de trabalho invadindo o tempo da vida doméstica. Existe um conflito, mas subterrâneo, uma incompatibilidade, cujos efeitos são desativados antecipadamente com longos momentos de "reconstrução", sessões contínuas de arrumação. As relações dentro do espaço doméstico parecem estar conscientemente e minuciosamente protegidas do possível transbordamento de trabalho no espaço de "todos".

Pareceu-me muito interessante discutir as relações de trabalho. Quem gerencia uma parte da própria atividade de trabalho em um espaço privado, como é o espaço domiciliar, sabe que se colocará em meio a relações que podem configurar-se como "inteiramente públicas", isto é, completamente externas às redes sociais de natureza pessoal. Neste sentido são vivenciados positivamente os encontros, as reuniões, os congressos, as feiras, todos os momentos de atualizações profissionais para gerenciar e desenvolver o próprio trabalho. Os momentos de troca e de confronto de ideias são muito procurados, enriquecem o capital de relações e de competências, mas, sobretudo, servem como reconhecimento e confirmação da identidade profissional. A importância atribuída aos momentos de *networking*, que requerem um investimento de tempo e recursos, leva a um aprendizado que é mais fácil nesses contextos de alta conectividade (o mundo da informação, da rede e da comunicação), mas que é mais difícil para aqueles profissionais para os quais trabalhar em casa se resume em desempenhar tarefas solicitadas e elaboradas por terceiros. Não é por acaso que estão surgindo formas de organização de *networking*: redes profissionais, coordenações, associações, experiências que objetivam fazer crescer a visibilidade de muitos trabalhos que se desenvolvem em condições que, tempos atrás, seriam chamadas de "atípicas".

A questão do tempo

A gestão eficaz do tempo é muito complicada. O espaço doméstico é caracterizado por um tempo que resiste a uma organização racional e produtiva. Para a maioria das mulheres entrevistadas não é fácil manter um ritmo de trabalho solitariamente. Uma *web designer* nos contou que usa um despertador que toca a cada hora, uma espécie de sirene de fábrica

doméstica que a ajuda a perceber o tempo que passa e manter um ritmo com o passar do dia sem perder-se em um trabalho que pode alongar-se ao infinito. As formas de organização que foram identificadas articulam racionalidade e ritualidade. O ritualidade cria, na experiência cotidiana, uma espécie de confiança. Na ausência de um contexto compartilhado com outros a repetição evoca um sentimento de continuidade e serve para começar o dia ou colocar as coisas em uma sequência temporal precisa.

Mas não existem apenas os rituais. Algumas experimentam enquadrar o tempo aplicando uma verdadeira standardização da jornada por meio do uso de tabelas e agendas que ajudam a não perder o controle do tempo e a manter os programas, mas também tornam mensurável uma série de operações que correm o risco de não serem levadas em consideração: responder aos *e-mails*, rever um projeto, falar com um cliente ou um colaborador. Isto serve para encontrar um equilíbrio justo entre tempo trabalhado e tempo pago.

Todas têm a experiência de um tempo muito repleto de atividades e, simultaneamente, um tempo que parece ser sem limites, um tempo líquido e amorfo, eternamente recuperável. O tempo entre as paredes de casa tendem a assumir o ritmo do cotidiano, a construir-se sobre uma ideia cíclica, de circularidade, contrariamente ao tempo linear da produção. Algumas aceitam trabalhar muito e são muito absorvidas por um ritmo de trabalho alucinante. Uma *design* de interiores se manifestou do seguinte modo:

Percebo que sou péssima: minha tendência é trabalhar um pouco demais. Não sei se posso realmente dizer que me organizo, na verdade eu acordo, tomo café e antes mesmo de tomar banho já estou no computador. Tenho sempre prioridades e, portanto, vou indo, sou como uma lagarta. Tenho sempre em mente um plano de trabalho, um plano padrão, os tempos eu gerencio, mesmo quando tenho que me adaptar e mudar os meus planos porque, talvez, entra um trabalho importante e já estou fazendo outro, busco adiar o que estou fazendo e priorizar aquele mais importante, mais urgente. Os tempos, na maioria das vezes, são muito curtos, mas é preciso aprender a gerenciar e automaticamente estabelecer as prioridades. Evidentemente isso quer dizer que você está sempre com muitas coisas, e que, portanto, sobra muito pouco do dia que não seja trabalho. Faço uma pausa para o almoço, porque tenho fome, 90% das vezes almoço fora com mais alguém, mas as pausas são muito rápidas, meia hora, no máximo uma hora. Na maior parte das vezes com as amigas é um problema, não consigo fazê-las entender que tenho um compromisso, um encontro em casa, ou um Skype.

Sentir-se na encruzilhada entre um tempo muito repleto de coisas a se fazer e um tempo aparentemente ilimitado (aquele de quem não tem horário fixo de trabalho), produz a inquietação de viver “tempos múltiplos”, tempos que se autorreproduzem na prática da desobediência ao relógio pela necessidade de manter sempre tudo em dia. Uma habilidade multitarefa que muitas olham com espírito crítico, pois são conscientes de que manter essa prática por muito tempo produz efeitos deletérios e estressantes. O esforço é, para todas, o de encontrar um modo de organizar a própria jornada de modo a criar uma espécie de equilíbrio entre as atividades, buscando conter os efeitos de conflito gerados pelo caráter plural dos tempos que regem a vida. O objetivo do controle do uso do próprio tempo – vivido em todas as declinações possíveis, dos mais anárquicos aos mais organizados – parece construir-se sempre plasticamente, fazendo referência a estratégias diversificadas de distribuição e subtração do tempo. O que está em jogo é a busca de uma “particular sabedoria temporal” (LECCARDI, 2009, p. 107) capaz não apenas de conter as demandas de disponibilidade (e

sujeição) provenientes de fora, como também de prever e resolver as tensões distributivas geradas pelo conflito entre ordens temporais distintas.

Preciso de ordem, é uma espécie de organização

É necessário, dizem todas, estabelecer regras para evitar que o trabalho se desdobre sobre todos os espaços da vida, assim a questão da organização é crucial.

Foi interessante, nos encontros ocorridos durante a pesquisa, propor-lhes uma reflexão sobre o tipo de organização por elas adotado, pedir que contassem o decorrer de uma típica jornada de trabalho ou suscitar a discussão sobre o estabelecimento de rotinas ideais e aperfeiçoadas de maneira consciente. Não é fácil individualizar – e aplicar – uma organização estável no tempo para quem deve gerenciar a contraditória percepção de ter uma grande autonomia e, ao mesmo tempo, uma notável dependência de variáveis externas. Os modelos de organização do trabalho, referenciados socialmente, foram pensados em relação a tempos precisos, espaços de trabalho e profissionais que desenvolvem também a função de garantir um determinado papel ao indivíduo ou a definição de um contexto. Desenvolvido fora destes espaços, acima descritos como socialmente referenciados, e vividos em condições que interseccionam vários ambientes - formais, informais, virtuais, domésticos-, o trabalho necessita encontrar sistemas de regulação autogeridos que se adaptem, quando necessário, às demandas externas. Por isso, projetar um esquema organizacional é particularmente importante mesmo com toda a dificuldade que se apresenta.

Não se trata de um modelo único. Quem desenvolve um trabalho que requer tempos longos de concentração e solidão (escrita, *design* gráfico, tradução, cerâmica) possui exigências muito diferentes de quem faz um trabalho em que são os contatos com os clientes que tomam a maior parte do tempo (*incoming turístico*, *designer* de interiores) e o quadro pode, ainda, se complexificar, pois muitas vezes estas coisas se combinam.

As soluções para uma boa organização são variadas. Muitas "mantêm tudo em suas cabeças", uma organização que pode ser definida como "incorporada". Algumas renunciam a uma organização formal mais estruturada e sua racionalização não vai além do uso de uma agenda (às vezes com uso de um suporte eletrônico): "No máximo eu poderia fazer um *backup* da minha cabeça", me disse uma *designer* aludindo, ironicamente, ao mesmo tipo de organização internalizada que sinaliza a dificuldade de se referir, propriamente, a uma organização mais palpável.

Outras adotam uma "organização planilhada" elaborada em função da distribuição precisa de atividades para fazer ao longo do dia, deixando clara a quantidade de coisas a serem feitas e a necessidade de tempo necessário. Construir um modelo inteligível e transmissível, oposto ao de "manter tudo na cabeça", serve para produzir um meio concreto sobre o qual construir formas de reconhecimento para um tipo de trabalho que não apenas corre o risco de não ser visto ou banalizado, mas também o de escapar da consciência de quem o produz. Impossível não ler nesta organização, que procura ser mais explícita e precisamente "planilhada", o desejo de construir uma distância entre si e coisas que se tem para fazer, uma maneira de torná-las evidentes e viáveis.

Atribuir-se uma organização, torná-la inteligível e comunicá-la significa construir um "filtro", o filtro que em um trabalho regular e compartilhado com outros é garantido pelo funcionamento da empresa, da escola ou da instituição. Sem este filtro corre-se o risco de se consumir energias e recursos pessoais aparentemente inesgotáveis, mas que, ao final, a experiência revela os seus limites. Não é por acaso que muitas das mulheres entrevistadas passam por momentos de

"recuo", reduzindo, se possível, o tempo e as energias gastas no trabalho, renunciando o desenvolvimento de novos projetos, ou vivem muito bem a alternância de períodos de trabalho muito intensos com períodos mais calmos e até vazios.

Considerações finais

O funcionamento e a observação da organização das casas-escritórios, ou casas-laboratórios das "trabalhadoras do conhecimento" na contemporaneidade dependem de muita consciência e capacidade de negociar com o espaço. Um cômodo, dois ambientes; uma mesa, duas toalhas de mesa. Esta capacidade de transformação e adaptação já possui uma longa história no trabalho feminino. É possível ver nesta *domestication* do trabalho um uso virtuoso de uma posição desconfortável, uma condição frágil do ponto de vista econômico, mas promissora do ponto de vista da resistência e das invenções. É uma escolha realizada, muitas vezes, para permanecer coerente em relação a um projeto ou uma ideia, não apenas profissional, mas também uma visão de mundo.

A operação diária de criação de um espaço e de um tempo destinado ao trabalho em um ambiente concebido para viver e morar pode ser a invenção de um "terceiro" espaço, não é apenas casa, nem apenas trabalho, mas a base de um projeto, de uma ideia, de um lugar de transição de uma identidade profissional construída de forma não convencional, itinerante, "apátrida" (CICCARELLI, 2011).

É uma invenção complicada que requer e emprega conhecimentos diferentes. Nem tudo é explícito, nem tudo é projetável, muita coisa é feita (no modo como ocorre) na prática, em uma versão radical da prática: uma relação concreta com os espaços cruzados e com os hábitos que os estruturam. A economia das trabalhadoras independentes ou autônomas é uma economia que se constrói na capacidade de se mover nos interstícios, entre as diferenças, com a capacidade de tornar produtivas habilidades e competências, mas acima de tudo desejos. Uma entrevistada disse claramente que para ela uma economia sustentável equivale a sentir-se em "equilíbrio".

Eu dou um passo para trás. Para mim, é importante estar em equilíbrio, ter um equilíbrio. Se eu estiver em equilíbrio, posso fazer muitas coisas, se me encontro em equilíbrio com a escolha que fiz, estou bem. E vejo que em todas as escolhas que fiz até agora, aquelas que duraram no tempo tinham esse equilíbrio, quando o equilíbrio se rompeu eu tive que mudar. Agora estou em equilíbrio, eu decidi viver do meu trabalho (o que não significa capitalizar, significa ter o necessário), mas nunca decidi fazer o que fiz para ganhar dinheiro. Eu repito, quando eu faço uma escolha é para estar em equilíbrio, se quiser é a busca da felicidade, pelo menos creio me aproximar dela.

Equilíbrio, portanto, é a palavra-chave, usar a si mesma (mais uma vez) como unidade de medida, entender quando, quanto e se o jogo pode ser mantido. A lógica, porém, não está toda fechada em um nível individual. Algumas das ideias apresentadas pelas entrevistadas, relacionadas ao problema da economia, estão ligadas a questões que se destacam no discurso público. Essa tentativa, na qual o indivíduo se assume totalmente, precisa ser traduzida em um dispositivo político, em um laço que se fixe e opere em nível da sociedade. A atual (re)configuração dos sistemas de *welfare*, devido à sua matriz fordista e a sua mais recente evolução neoliberal, não funciona como um regulador efetivo de tais insurgências ou emergências, mas, pelo contrário, pode provocar efeitos contraproducentes.

Neste contexto, é importante imaginar políticas, serviços coletivos, instituições inovadoras que desempenhem o papel de centro de gravidade para um novo sistema de *welfare*, onde o bem-estar possa ser reconhecido como o ponto estratégico de uma nova e significativa dinâmica de desenvolvimento, capaz de colocar em circulação o potencial do indivíduo ao invés de obrigá-lo a exigências sem precedentes de si mesmo.

Referências

ALLEGRI, G. Nuovi movimenti sociali e teorie critiche del costituzionalismo post-novecentesco oltre la New European Governance. In BLECHER, M. et alii (orgs) *Governance, società civile e movimenti sociali*. Roma: Eds, 2009.

BADINO A. *Tutte a casa? Donne fra migrazione e lavoro nella Torino degli anni Sessanta*. Roma: Viella, 2008.

BAZZIGALUPPO, L. *Il governo delle vite. Biopolitica ed economia*. Roma-Bari: La Terza, 2006.

BARAZZATTI, D. *C'è posto per me? Lavoro e cura nella società del "non lavoro"*. Milano: Guerini e Associati, 2007.

BELLAVITIS, A. Il lavoro delle donne nelle città dell'Europa moderna. Roma: Viella, 2016.

BOETTI, E. La precarietà del lavoro come fenomeno storico: un approccio di genere. Prime riflessioni metodologico-storiografiche. *Memoria e Ricerca*, maggio-agosto, pp. 51-71, 2014.

BOLOHNA, S. *Il lavoro autonomo di seconda generazione*. Milano: Feltrinelli, 1997.

BRUNI, A; SIMI, G. Da San Precario a Wonder Queen: rappresentazioni di genere nell'attivismo precario italiano. In *Atti del convegno Genere e Precarietà*. Trento: Università di Trento, 2009.

BURCHI, S. Lavorare in casa. Racconti di uno strano ritorno, *Genesis Rivista della società italiana delle storiche*. Roma: VII/1-2, pp.87-107, 2008.

BURCHI, S. Lavorare a casa. Indagine sul fabbisogno formativo delle lavoratrici autonome 'a domicilio', Ricerca realizzata all'interno di un progetto FSE co-finanziato dall'Unione Europea, FSE, Ministero del lavoro, Bolzano, 2010.

BYUNG-CHUL, H. *La società della stanchezza*. Roma: Nottetempo, 2012.

CASTEL, R. *Les Métamorphoses de la question social: une chronique du salariat*, Fayard, Paris, 1995.

CHICCHI, F. *Soggettività smarrita: sulle retoriche del capitalismo*. Milano: Bruno Mondadori, 2012.

CHICCHI, F; SIMONE, A. *La società della prestazione*, Roma: Ediesse, 2017.

CICCARELLI R. La vita indipendente. Sul contratto intimo e altre schiavitù del lavoro della conoscenza. In Laboratorio Verlan, a cura di, *Dire, fare, pensare il presente*, Macerata: Quodlibet, 2011.

- CICCARELLI, R. *La furia dei cervelli*, Roma: Manifestolibri, 2011.
- COIN, F. *Salari rubati: economia, politica e conflitto ai tempi del salario gratuito*. Verona: Ombrecorte, 2017.
- FANA, M. *Non è lavoro è sfruttamento*, Roma: Laterza, 2017.
- FUMAGALLI, A. Le trasformazioni del lavoro autonomo tra crisi e precarietà: il lavoro autonomo di III generazione. In *Quaderni di ricerca sull'artigianato*, vol. 2, Milano: Il Mulino, 2015.
- GALERAND, E; KERGOAT, D. Le potentiel subversif du rapport des Femmes au Travail,. In *Nouvelles Questions Féministes*. Vol. 27, n. 2, pp. 67 à 82. Paris: Editions Antipodes, 2008.
- GENOVESE, R. *Identità in Lessico Post-fordista*, Milano: Feltrinelli, 2001.
- GISSI, A. Il lavoro che non esiste. Cittadine/lavoratrici tra marginalità e diritti nell'Italia repubblicana. In BURCHI, S; Di MARTINO, T. a cura di, *Come un paesaggio. Pensieri e pratiche tra lavoro e non lavoro*. Roma: Iacobelli, 2013.
- GJERGJI, I. Lasciate ogni speranza o voi che entrate! Politiche del lavoro, formazione in contesto lavorativo e precarietà. *Società e Trasformazione Sociale*, vol. 5, aprile, p. 127-162, Venezia: Edizioni Ca' Foscari, 2017.
- GORZ, A. *Il lavoro debole: oltre la società salariale*. Roma: Edizioni Lavoro, 1994.
- LECCARDI, C. La reinvenzione della vita quotidiana. In BERTILOTTI, T; SCATTIGNO, A. *Il femminismo degli anni Settanta*. Roma: Viella, 2005.
- LECCARDI, C. *Sociologie del tempo: Soggetti e tempo nella società dell'accelerazione*. Roma: Laterza, 2009.
- MORINI, C. *Per amore o per forza. Femminilizzazione del lavoro e biopolitiche del corpo*. Verona: Ombrecorte, 2010.
- MURIA, A. *Dalla precarietà lavorativa alla precarietà sociale: biografie in transito tra lavoro e non lavoro*. Milano: I libri di Emil, 2010.
- MURIA, A.; POGGIO B. La trappola della passione. Esperienze di precarietà dei giovani *highly skilled* in Italia, Spagna e Regno Unito. In CORDELLA, G; MASI, S, a cura di, *Condizione giovanile e nuovi rischi sociali. Quali politiche?*. Roma: Carocci, Roma, 2012.
- PELLEGRINO, E. Nuove domesticità. La casa connessa e le tecnologie pervasive per la mobilità. *M@gm@*, vol.9, n.3, settembre-dicembre, 2011.
- PONTERIO, C; SANLORENZO. E. *Lo chiamano lavoro*. Torino: Edizioni Abele, 2014.
- GHERARDI, S; MURGIA; POGGIO, B. Donne, genere e lavoro. In GOSETTI, M; LA ROSA (a cura di) *Lavoro e lavori. Strumenti per comprendere il cambiamento*. Milano: Angeli, 2011.
- SARTI, R. Spazi moderni e identità di genere tra età moderna e contemporanea. In GAGLIANI, D; SALVATI, M. *Donne e spazio nel processo di modernizzazione*. Bologna: Clueb, 1995.

SARTI, R. *Vita di casa. Abitare, mangiare, vestire nell'Europa moderna*. Roma: Laterza 2008.

SENNETT, R. *L'uomo flessibile*. Milano: Feltrinilli, 1999.

TOFFANIN, T. *Fabbriche invisibili*. storie di donne lavoranti a domicilio, Verona: Ombre Corte, 2016.

WEEKS, K. Life within and against work: Affective labor, feminist critique, and post-Fordist politics. *ephemera*, v. 7, n. 1, p. 233-249, 2007.

*Doutora em Ciências Sociais junto a Universidade de Pisa trabalhando em temas como trabalho, memória e feminismo. E-mail: sandra.burchi@sp.unipi.it

**Tradução da Profa. Dra. Kelen Christina Leite, docente do Departamento de Ciências Humanas e Educação da UFSCar-Sorocaba.

Recebido em 10/12/2017

Aprovado em 10/01/2018